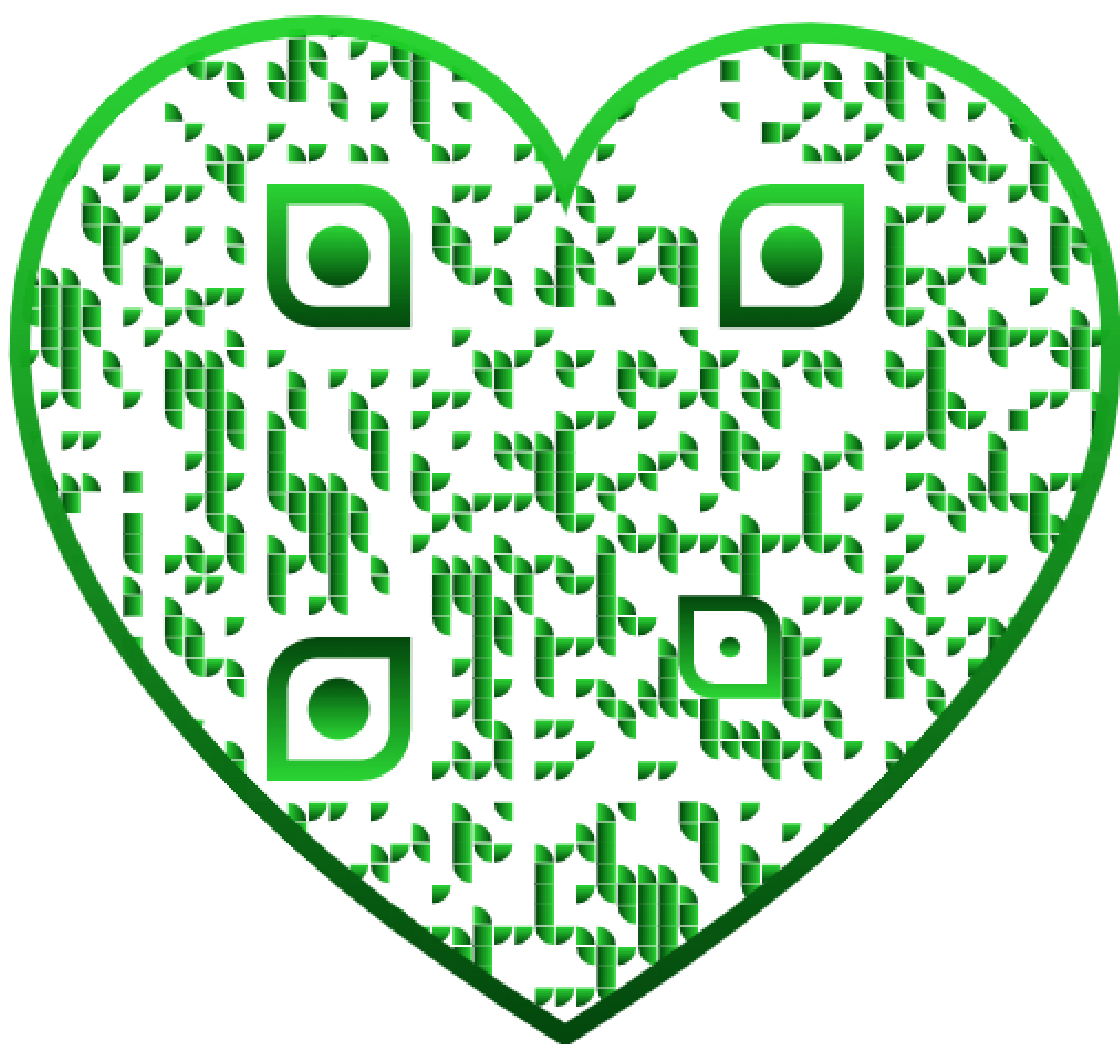
Um conto de

Ana Rita Cunha

Autora da
Duologia Paixão e
da Série Estações

Amor nos Trilhos



AMOR
NOS
TRILHOS

UM CONTO DE
ANA RITA CUNHA

PERIGOSAS

AMOR NOS TRILHOS

ANA RITA CUNHA 1ª Edição

Manaus – AM – 2016

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

PERIGOSAS

Copyright © 2016 por Ana Rita Cunha

NACIONAIS-ACHEROM

Todos os direitos reservados à Ana Rita Cunha. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Ana Rita Cunha

PERIGOSAS

Revisão: Maik Ximenes Guedes

Revisão Final & Diagramação Digital: Ana Rita Cunha

NACIONAIS-ACHEROM

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Dedicatória e agradecimentos

É com muito carinho, que dedico esse pequeno conto à todas as minhas leitoras e leitores, que tem me acompanhado desde sempre pelo Wattpad, Facebook, WhatsApp e Amazon.

Nada seria possível sem o apoio de vocês.

Agradeço maiormente às pessoas que estão mais próximas a mim do que nunca, não deixando que eu me esqueça dia após dia quem eu sou.

Muito obrigada, Andrezza Mota, Jessica Bidóia, Maik Ximenes, Maria Fernanda Pereira, Ali Graciotte e Jéssica Trajano.

Sinopse

A Vida de Anthony Parker, parecia tranquila e totalmente sob controle. Sua rotina funcionava muito bem e, o fotógrafo inglês não podia querer mais da vida que escolhera viver.

Tudo mudou naquela manhã. A manhã em que a mulher, que agora faria parte de seus sonhos e planos, mostrou a Anthony a paz em meio ao caos.

Sua vida não seria mais a mesma, seus objetivos também não.

Seja bem vindo(a) à Londres. Seja bem vindo(a) ao encontro com o AMOR NOS TRILHOS.

Fotografia é minha vida

Antes de contar minha história, gostaria de me apresentar.

Meu nome é Anthony Parker e, não, eu não sou primo ou tenho qualquer relação de parentesco com o Homem-Aranha. Essa é a pergunta que mais ouvi durante praticamente todos os vinte e oito anos da minha vida.

Meu sobrenome é único, herdado de minha falecida mãe, que foi a base de toda minha escolha de vida.

Além do sobrenome, tenho mais uma coisa a ver com o “super-herói”, sou fotógrafo *free lancer* para alguns jornais da fria e encantadora Londres.

Amo meu trabalho, simplesmente porque ele também é o meu lazer. Um dia poderei viver de fotografar o que amo, que são, pessoas e suas relações com o mundo. Mas até lá, me dou por satisfeito fotografando o que chamo de “essência da situação”.

Chegar em uma cena de crime, por exemplo e, conseguir algumas imagens das vítimas ou da cena é algo que qualquer fotógrafo profissional faria.

Exatamente! Não eu.

Eu capto a situação como um todo. O esforço dos bombeiros, a perícia da polícia, a angustia dos familiares e amigos.

Minhas imagens já foram usadas como provas em investigações e julgamentos diversas vezes, simplesmente porque ninguém se preocupa com o que acontece à sua volta, todos mantém o foco na situação em si.

Fiquei conhecido no meio, quando em uma manhã fria de dezembro, no ano de 2010, eu seguia minha rotina matinal de ida para a faculdade e ao me aproximar da entrada da estação de metrô *Bank* , avistei uma movimentação intensa do outro lado da rua. Eu estava atrasado, mas a curiosidade me fez chegar mais próximo do local. As pessoas corriam enlouquecidas de um lado para o outro, a maioria chamando polícia e bombeiros. Uma mulher, na casa dos trinta anos, ainda lutava por sua vida após ter sido golpeada por uma faca, que ainda estava instalada em seu peito.

Naquele momento, seu olhar fixou-se ao meu. Ela tentava respirar,

mas o objeto simplesmente impedia. A pobre mulher também se esforçava muito, mas não conseguia falar nada.

Vários curiosos a perguntavam o que havia acontecido, porém, ela simplesmente não tinha forças para esclarecer o ocorrido. Meu instinto falou mais alto e sabendo que eu não teria condições de fazer nada por aquela pobre alma ensanguentada e arquejante, saquei minha câmera e comecei a fotografar o entorno.

O olhar de desespero e asco pela cena, a movimentação da polícia e dos paramédicos assim que chegaram ao local, o desespero no olhar daquela mulher. Foi então que percebi, que o olhar dela, não era um simples olhar. Era o olhar de quem sabia que eu conseguiria lê-lo. Não sei exatamente em que momento eu percebi, que ela lançava seu olhar para mim e o alternava com um homem que estava de braços cruzados bem próximo à cena.

Comecei a fotografá-lo. A principio seu olhar era frio e distante, ele a encarava e tudo alheio ao desespero das pessoas, seu rosto não exprimia nenhum tipo de emoção. Foi então que, poucos minutos depois, um sorriso se fez presente no rosto do homem de estatura mediana, pele amadeirada e olhos escuros. Naquele momento voltei meu olhar à vitima e seus olhos não tinham mais vida, os paramédicos ainda tentavam fazer algo, mas era tarde, eu sabia que ela já estava morta.

Voltei meus olhos ao homem, que atravessou a rua e desceu tranquilamente a escadaria da estação de metrô. Por alguns momentos resolvi segui-lo. Mantive uma distância segura, e continuei o fotografando em sua movimentação. Ele tirou as mãos do bolso e as limpou com um lenço que jogou em uma lixeira próxima. Como era de se esperar havia sangue no lenço.

Foi muito rápido, o metrô parou, ele entrou e se foi.

Revelei minhas imagens e levei à polícia, que investigou a fundo e descobriu que o homem, era um ex namorado de adolescência da vítima. Alguém que tinha um verdadeiro fascínio por ela e, que depois de ter feito todo tipo de investidas e ter sido rejeitado, resolveu tirar sua vida.

Minhas fotos foram as principais provas do crime e o assassino cumpre prisão perpétua em uma penitenciária local.

Minha vida mudou desde esse evento. Tenho sido chamado pelos

jornais e pela própria polícia em situações parecidas e, acredite, é mais comum do que se imagina o que se pode descobrir pelas imagens que ninguém parece se importar.

Mas não imagine que minha vida resume-se a essa morbidez de estar presente em cenas, digamos, bizarras. Mais que nunca tenho feito trabalhos que me dão realmente prazer em executar. Fotos espontâneas de famílias, crianças, aniversários, casamentos e todos os outros tipos de comemoração. Não sou o cara que arruma os pares e os manda sorrir, sou aquele que capita uma lágrima e também um sorriso tímido.

A fotografia é minha vida e, assim como tal, minha maquina fotográfica é como se fosse uma parte do meu corpo, um pedaço de mim.

Um dia... comum?

Moro sozinho desde que saí de minha cidade natal Bibury, no interior da Inglaterra e vim para Londres estudar e me realizar profissionalmente. Não tenho irmãos, apenas minha mãe e uma tia, que se recusam a vir morar na “cidade grande”. Se eu pudesse, acho que também não teria tomado a decisão de vir, mas meu sonho falou mais alto, fotografia é minha vida.

Já namorei algumas garotas e cheguei a ser noivo de uma linda francesinha por quase um ano. A convivência não foi fácil e o relacionamento não resistiu. Desde então resolvi me privar de relacionamentos mais sérios. Saio com uns poucos amigos, bebo umas cervejas em dias de jogos de *baseball* dos *Boston Red Sox*. O esporte é americano, mas eu sou simplesmente viciado nos campeonatos.

Naquela manhã de clima instável e cheiro de café no ar, eu saí de casa, como tenho feito por todos esses anos, desde que me mudei. Caminhei alguns metros até a estação de metrô e desci as escadas rapidamente. Mesmo tendo me apressado, perdi o *time* do metrô e acabei ficando na plataforma, à espera do próximo.

Seriam quinze minutos de espera. Saquei minha câmera e decidi fotografar as amenidades ao meu redor. Não muito longe dali, em um dos bancos da estação, os olhos dela estavam completamente alheios ao mundo à sua volta. Eles se movimentavam rapidamente na leitura das inúmeras paginas do livro de *Jane Austen* que ela tinha nas mãos. A cada nova foto, eu obtia uma nova impressão da leitura, sorrisos, carrancas e... o que era aquilo? O vislumbre de uma lágrima solitária.

Sua pele alva e os cabelos escuros adornavam o rosto levemente arredondado e os olhos cor de oliva. Simplesmente linda! Não poderia dar mais que vinte anos à jovem desconhecida, mas sua tranquilidade e seu estilo clássico rebelde, faziam dela um ser humano de uma beleza especial.

Pelos próximos cinco minutos eu a fotografei, perdi a noção de quantas fotos foram, mas em cada uma havia um pouco da essência daquela doce e singular menina-mulher.

O aviso sonoro da chegada do metrô soou e rapidamente ela levantou-se, correu e entrou em um deles. Pude vislumbrar quando ela sentou-se e voltou rapidamente seus olhos à leitura em suas mãos.

Meu dia iluminou-se e, mesmo tendo visto coisas terríveis aquele dia, lembrar da imagem dela me acalmava e me enchia de paz.

Cheguei ao jornal que tenho trabalhado essa semana e fui direto para o quarto escuro reservado aos fotógrafos. A intenção é utilizarmos o espaço para revelar, analisar as fotos, escolher as melhores para sugerir aos repórteres.

Hoje, especialmente, não consigo me concentrar em nenhuma das imagens que fiz para o jornal. Revelei algumas fotos da desconhecida do metrô e passei a analisá-las com um olhar mais escrutinador.

As emoções e os traços marcados de seu rosto são encantadores, algumas sardas estão presentes sobre o nariz delicado.

Não entendo o porquê de minha obcessão pelas imagens, mas algo naquela estranha fez com que algo em mim se descortinasse. Uma espécie de afeição me tomou e eu passei aquele dia totalmente taciturno à cerca de suas fotos.

— Planeta terra chamando Anthony! — ouço a voz de Maggie, uma das repórteres com quem tenho trabalhado nos últimos anos. Nossa parceria tem sido excelente. Maggie escreve verdadeiras obras de arte em forma de artigos, tendo como base as imagens que disponibilizo para ela. No ano passado, ela acabou sendo premiada por um desses trabalhos, o que me deixou ainda mais orgulhoso e satisfeito com meu desempenho.

— Desculpe, Maggie! Receio não ter nada muito interessante para você hoje. — me desculpo, mesmo não conseguindo convencer a instintiva repórter, enquanto me retorcia tentando esconder as fotos na bacia cheia de liquido revelador.

— Algo me diz que você está me enrolando. Quando entrei você estava concentrado em umas imagens. Tem certeza que não quer me mostrar? Quem sabe posso escrever algo interessante. — ela me olha com um olhar tipicamente feminino. Aquele que deixa claro para o homem: "Você finge que me engana e, eu finjo que acredito".

— Não mesmo, minha querida. As imagens a que eu analisava eram

pessoais. Nada que você possa utilizar, acredite. Aliás,...— abro minha mochila e pego minha pasta de imagens — ... tenho algumas feitas à uns dias atrás. Eu, sinceramente não vi nada de especial nelas, mas você, como sempre tem esse olhar de águia, quem sabe vê algo utilizável.

— Tudo bem! — Meio a contra gosto, ela pega a pasta de minha mão e sai da sala. Seu olhar não era o mais feliz de todos, mas com toda certeza do mundo, ela irá encontrar ali um bom material para um artigo. Maggie é muito boa no que faz.

Com sua saída, volto minha atenção às imagens da desconhecida. Continuo hipnotizado por seu olhar sobre as folhas do livro.

— Não deixe que ela veja as imagens, ou sua vida vai virar um inferno. — Mark, meu melhor amigo também fotógrafo, aproxima-se de mim e pega uma das imagens da bandeja reveladora. — Sua modelo é linda. Quando ia me falar sobre ela?

— Ela não é minha modelo e, eu não entendo, porque minha vida viraria um inferno? — estou curioso com seu comentário.

— Anthony, eu às vezes me pergunto se você é assim desatento mesmo, ou se faz uma média para que as mulheres fiquem babando sobre você.

Ergo uma de minhas sobrancelhas e o encaro.

— Pode ser claro e me dizer do que está falando exatamente? — continuo sem entender.

— Ela é louca por você, meu amigo. Tem dias que eu quase a imagino entrando aqui semi nua, na intenção de que você largue as fotos e a veja como mulher. — meu amigo viaja legal na colocação que faz.

— Mark, eu e Maggie somos apenas amigos. Eu a respeito e, principalmente, respeito seu trabalho. Ela é extremamente reconhecida por seu talento, não podemos misturar as coisas.

— Então, você já percebeu? — ele pergunta diretamente.

— Não exatamente. Mas se há uma coisa que eu aprendi com minha mãe foi, "Se você não tem planos de fazer a uma mulher coisas que a façam feliz, não a use a seu bel prazer". Não tenho planos de um futuro ao lado dela, tampouco sinto "tesão" por ela. Me diga, para quê mesmo eu deveria dar-lhe

esperanças de algo mais? — expresso com clareza minha motivação.

— Opa, tenho um *Lord* britânico aqui? Um príncipe que não usa as mulheres. Então diga-me meu amigo, a quanto tempo você não faz sexo? — ele me encara e resolvo satisfazer sua curiosidade.

— Umas quarenta e oito horas, ou menos, não sei precisar. — sorrio e volto meu olhar às minhas fotos.

Ele coloca uma das mãos em meu ombro me fazendo encara-lo.

— Espere aí, perdi algo aqui. Seja mais claro, me perdi no processo.

— Mark é simples. Não me envolvo para aventuras sexuais com mulheres de meu convívio diário. O mesmo não se aplica a encontros furtivos em baladas ou em outros lugares onde haja essa possibilidade. Qual o problema de ir pra cama com uma mulher que nunca mais vou ver? — ele solta o ar preso em seus pulmões e sorri aliviado.

— Cara, que susto! Em algum momento nisso tudo, cheguei a pensar que você era gay. Que não saia com mulheres, mas... com homens!

Rimos muito de sua imaginação fértil.

— Mark, não tenho nada contra os gays, muito pelo contrário, mas acredite, minha preferência sexual são as mulheres e seus encantos e desafios.

— Anthony, quando crescer eu quero ser igual a você. Acho que vou adotar seu estilo de vida. Aposto que vai me poupar muita dor de cabeça.

Meu dia transcorre tranquilamente e uma ocorrência no fim da tarde, faz com que meus pensamentos voltem a focar-se no que realmente interessa, o trabalho.

Atrasar-me ou não? Eis a questão.

A verdade é que saí de casa no mesmo horário de sempre e se caminhar na velocidade que costumo fazer todos os dias, provavelmente pegarei o metrô que estou acostumado. Até aí, nada importante.

O problema é que algo dentro de mim quer que eu me atrase. Que perca o metrô e fique novamente mais quinze minutos na estação *Bank* esperando o próximo.

Digamos que para as pessoas normais esse seria um dilema facílimo de ser resolvido. Acontece que eu não sou um cara normal. Minha sensibilidade e senso de responsabilidade falam sempre mais alto, portanto, meus pensamentos correm para as imagens que fiz no fim da última tarde e no quanto Maggie vai adorar recebê-las e escrever um maravilhoso artigo sobre elas.

O fato é que me pergunto também, “Que diferença quinze minutos a mais ou a menos farão nessa situação?”. Concluo rapidamente que não farão diferença e sigo caminhando um pouco mais lentamente. Se chegar à estação e o metrô já estiver partido, vou me sentir menos culpado por tê-lo perdido.

*****

Conforme minha previsão, entro na estação assim que as portas se fecham e o metrô parte. Saco minha câmera e corro meus olhos sobre o lugar. No mesmo lugar do dia anterior, minha querida e doce desconhecida, encontra-se com os olhos fixos em um novo livro. Desta vez, a obra é o clássico de *Oscar Wilde — O retrato de Dorian Gray*. Ela está séria. Totalmente alheia ao mundo, assim como no dia anterior.

O dia está relativamente quente, então o vestido florido leve e as botas pesadas fazem de seu visual algo nada clichê, mas não menos elegante. Ela não usa maquiagem, mas posso apostar que há um pouquinho de um batom rosado em seus lábios carnudos. Após cinco minutos de caras e bocas, o metrô que ela utiliza se aproxima e, assim como no dia anterior, ela corre ao seu encontro e senta-se rapidamente em um dos assentos, voltando

instantaneamente o olhar para o livro da vez.

“Sim, Anthony. Valeu a pena atrasar um pouquinho” — digo a mim mesmo triunfante.

*****

Qual o problema de encontrar uma musa inspiradora e atrasar-se todos os dias para vê-la sempre encarando um livro novo? Nenhum, exceto o fato de perceber que ela é uma leitora voraz. A cada dia tem um novo livro em mãos. Pela velocidade com que leu os livros da série de *J.K. Rowling – Harry Potter*, posso supor que não seja a primeira vez que ela os lê. Eu mesmo demorei quase três dias para ler cada um. Não que eu seja um exímio leitor, muito pelo contrário, é que a leitura em si é tão encantadora e repleta de fantasias, que qualquer esforço para fazer isso em menos tempo, prejudicaria totalmente o entendimento dos fatos.

O problema agora é simples, pela quantidade de fotos que agora tenho, da estranha que a cada dia me sinto mais próximo, é que se a policia bater em minha porta, eu provavelmente vou ter ser preso, acusado de ser um perseguidor.

*****

Não sou, definitivamente um cara tímido, mas com toda certeza, sou altamente introspectivo. Porém, aquela noite foi um pequeno borrão em claro para mim. Era o dia, não passaria mais meus dias chegando atrasado ao metrô e simplesmente apreciando sua beleza que tanto fazia bem aos meus olhos.

Escolhi a abordagem perfeita, me enchi de coragem e lá fui eu, ao encontro do meu destino.

Resolvi chegar um pouco mais cedo e deixar alheio o fato de que poderia chegar mais cedo ao jornal. Ignorei a presença do metrô na plataforma e me sentei no banco, bem ao lado de onde ela senta todos os dias. Os minutos pareciam uma eternidade e meus olhos acompanhavam atentos a toda a movimentação no entorno do ponto específico onde minha musa costuma dar seu show particular.

“Há algo errado”. — pensei. “Ela já deveria ter chegado.”

PERIGOSAS

Em vinte oito anos de vida, eu tomei a mais louca de todas as decisões que poderia tomar, então, a vida como mera expectadora de todo o meu fracasso, não me permitiu tomar a simples atitude de cumprimentar a dona de meus sonhos e desejos. Em suma, ela simplesmente não veio.

NACIONAIS-ACHEROM

Seguir em frente e fazer da experiência aprendizado.

Três dias saindo mais cedo de casa e, nada. Simples assim. A estranha que mudou totalmente minha rotina na ultima quinzena, simplesmente desapareceu.

Não reconheço meu comportamento. Rejeitei todos os convites dos amigos para saídas furtivas à noite e, também ignorei algumas ligações de "amigas", a quem recorro quando quero me "divertir" um pouco.

Fecho os olhos e vejo-a sentada no banco, lendo seus livros e se emocionando a cada página. Não consigo me conformar com tamanha burrice a minha. Deveria ter me aproximado antes, me apresentado. Agora padeço pelo sabor amargo da péssima escolha.

Como dizem os mais velhos, "Se não aconteceu, paciência. Que tudo isso vire experiência". Não era pra ser assim, mas o que eu posso fazer.

O metrô estaciona na plataforma e eu entro seguindo em direção ao jornal.

Meu humor nos últimos três dias está péssimo e Mark, atento como sempre, me chama para uma conversa assim que coloco os pés no quarto escuro de revelação de imagens.

— Vamos lá, Anthony. Descarrega. Conta o que tá pegando! — todos na vida deveriam ter um amigo como ele. Aquele que é sincero e direto sempre.

— Nada não, *brother*. Está tudo sob controle. — tento me esquivar da inquisição.

— Tudo sob controle uma merda! Vai logo falando. Não tem mais fotos da morena e seu humor está digno do da minha mãe na TPM. Cospe, fala a verdade, estou esperando!

O cara é insistente, não consigo mais guardar esse segredo para mim. Passo minha câmera pra ele que analisa todas as imagens desde o primeiro dia em que a vi. Seus olhos correm calmamente cada foto e ele passa os

próximos quinze minutos totalmente alheio ao mundo, assim como eu fico cada vez que repito o mesmo ritual.

Assim que termina ele me olha aturdido.

— Por favor, diga alguma coisa! Estou louco, não é mesmo? — tento traduzir o seu olhar.

— Não exatamente.

— Como não? — ele parece complacente.

— Louco você estaria se não estivesse totalmente apaixonado por ela. Onde ela vive? Qual o nome dela? Parece ser novinha, quantos anos tem? — tantas perguntas e eu não tenho nenhuma resposta.

— Não sei, não sei e não sei. Isso esclarece suas dúvidas? — olho para ele já me esquivando de sua reação.

Ele fica de pé e me encara.

— Está me dizendo que não sabe quem ela é? — pressinto seus olhos saltando das órbitas.

— Exatamente. — emito um muxoxo.

— E o que está esperando para se apresentar a ela? Convidá-la para sair, beber ou comer alguma coisa? — sua expressão é incrédula.

— Ela aparecer novamente. Ela simplesmente desapareceu há três dias. Tenho saído cedo de casa, sento no banco da plataforma e a espero, ela não apareceu mais. — solto o ar em um desgosto palpável.

Ele levanta-se e começa a andar de um lado para o outro da sala. Em silêncio parece maquinar uma saída para mim.

O fato é que não existem saídas, não existe a menor possibilidade de que eu a veja novamente caso ela não volte a dar o ar de sua graça na estação.

Ele para e me encara.

— Temos duas saídas para o seu dilema, seu grandessíssimo babaca.

Eu sei que deveria ficar bravo, mas é exatamente isso que eu sou, um babaca.

— Vamos lá “gênio”, libere as possibilidades.

— Podemos falar com o Ben. — um amigo nosso que é investigador da polícia e que trabalha sempre em parceria conosco. — Ele pode fazer um rastreio rápido e encontrá-la.

— Fala sério, Mark. Com que cara vou bater na porta de uma mulher e dizer a ela. “Olá, querida estranha. Te vi no metrô algumas vezes e pedi para meu amigo na policia rastrear sua vida para eu te encontrar.” Ela vai pedir um mandado de restrição para mim e me acusar de assédio.

— Tem razão, isso realmente pode acontecer e, começar um relacionamento com mentiras não é uma boa saída. — ele coça o queixo pensativo.

— Ainda bem que você consegue enxergar. — entorto os lábios em clara insatisfação com a ideia estapafúrdia dele.

— Você pode colocar um anúncio no jornal, ou melhor, pode pedir para um dos repórteres escrever um artigo sobre ela. Sobre seus sentimentos por ela. Já consigo até ver o título da reportagem, “AMOR NOS TRILHOS”, em caixa alta. — seu sorriso é triunfante.

— Eu não sei se essa ideia seria boa. Vai que ela tem um namorado, um noivo, um marido. Isso pode acabar com o relacionamento dela.

— E vai que ela não tem ninguém e está esperando para conhecer o homem da vida dela, no caso, você. — ele pondera.

— E se ninguém topar escrever a matéria comigo?

— Pare de arranjar desculpas, Anthony. Qualquer um aqui ficaria louco por uma história como essa. Eu nem sou repórter, sou um mero fotógrafo e consigo quase escrever um livro, só vendo essas imagens. — ele diz e aponta para a câmera.

— Eu escrevo! — viramos os dois em um rompante em direção à porta da sala em que tínhamos certeza de que estávamos sozinhos.

— Maggie? O que faz aqui? — pergunto ainda em choque.

— Me desculpem, eu juro que não quis ser intrometida. É que vocês estavam tão empolgados com a situação e, eu fiquei emocionada com tudo.

— Vamos fazer o seguinte. Esqueçam tudo isso, ok? Ela não apareceu mais e não vai aparecer. Agora só cabe a mim amargar e pagar o preço por não ter tido a coragem de me aproximar dela antes. — pego minha câmera e minha pasta, seguindo em direção à saída.

Maggie prostra-se em minha frente e me encara séria.

— Eu odeio dizer isso, Anthony, mas agora você vai me ouvir. — Seu olhar está fixo no meu. — Durante todos esses anos em que nos conhecemos e convivemos, eu só pensava em quando seria o dia que você me convidaria para sair, ir a um cinema ou simplesmente tomar um *drink* depois do expediente. Acontece que ultimamente cheguei à conclusão de que isso não vai acontecer. Você não me vê como eu gostaria e isso não faz com que eu não queira que você seja feliz com outra pessoa. Não posso culpá-lo por não se sentir da mesma forma.

Suas palavras me atingem e eu empaco. Olho para Mark que suspira fundo e me encara.

— Maggie está certa, Anthony. Ninguém escreveria melhor esse artigo. Ela é mulher, tem a sensibilidade mais aguçada. Não custa nada tentar.

— Eu não sei. — coloco a câmera e minha pasta sobre a mesa. Enfio as mãos nos cabelos e sento em uma das cadeiras fechando os olhos.

— Você não tem nada a perder, querido! — a voz de Maggie é tranquilizadora. — Deixe-me ver as fotos.

Ainda receoso eu entrego a câmera em suas mãos, que senta-se e, assim como Mark, passa os quinze minutos seguintes analisando uma a uma às imagens.

— Ela é linda! — eu a ouço dizer.

Encaro-a e vejo uma lágrima solitária escapar de seu olhar.

— Acho melhor esquecermos isso, está claro que não te fará bem fazer isso. Eu não posso ser tão insensível com você. Somos amigos, eu gosto de sua companhia, seria desumano envolvê-la em algo desse tipo. — tento pegar a câmera de suas mãos, mas ela se esquiva e não me devolve.

— Pelo contrário. Posso ver exatamente pelo que você se apaixonou.

Se eu não fosse tão segura de minha opção sexual, diria que até eu me apaixonaria. — ela solta uma risadinha, acompanhada por Mark. Acabo cedendo e sorrindo em contrapartida. — Me deixe escrever, Anthony, por favor. — ela pede e eu assinto.

— Tudo bem, mas vamos fazer isso juntos. — ela olha para Mark e eles tocam as mãos em um soco suave.

Lá vou eu, fazer a maior loucura da minha vida.

Amor nos trilhos

"O que é a vida se não uma busca pela constante evolução e percepção do que nos rodeia?

Um amontoado de ideias mirabolantes e fatos desconhecidos. Um caminhar frenético para um futuro incerto. Um momento de paz em meio ao caos da inconstância.

A imagem que acompanha esse artigo, é de uma jovem que me fez enxergar a vida pelos olhos de outra pessoa. Fez-me ver, por vários dias, que a vida não se resume ao inquieto vai e vem de pessoas em uma estação lotada. Fez-me vislumbrar algo que vai além dos olhos, algo dentro do coração.

Sua postura pacífica diante da exasperação e inquietação alheia, sua concentração proveniente de outros mundos, enquanto passava as páginas dos clássicos que lia, me fizeram notar o quanto eu perdia da minha própria vida.

Minha linda e doce estranha, sinto-me órfão de suas feições, enquanto, sentada no banco desconfortável da Bank Station, apenas se introduzia em seu infinito particular.

Se estiver lendo esse pequeno texto, não se aterrorize, apenas me deixe saber como encontrá-la. Vou ser alguém mais feliz caso isso aconteça."

Anthony Parker *****

O texto era pequeno, bem menos que meia página. Passamos mais tempo definindo a imagem que o acompanharia, do que escrevendo o texto em si. Durante todo o tempo, eu só pedia a Deus para estar fazendo a coisa certa, para não trazer problemas à vida dela.

— Pra mim ficou perfeito! O que você acha, Mark? — Maggie comemora, enquanto Mark sorri de orelha a orelha.

— Você sempre arrasa, Maggie. O texto está sucinto e muito claro. Se

ela não aparecer, é porque não quer saber quem o mandou.

— Ou vai pensar que eu sou um maníaco tarado, e sair até da cidade. — ainda não me sinto seguro.

— Anthony, não seja pessimista. Vamos mandar agora para a edição. Aposto que eles vão amar a novidade.

Em menos de cinco segundos o texto e a imagem caem no email da edição do jornal. Agora não tem mais volta. Minha vida virou a crônica de um mar de *bullying* sem fim. Já estou até vendo, meus amigos batendo em meu ombro e rindo do meu papelão no próximo encontro.

Recebo uma ligação de Ben, comunicando um crime e exigindo minha atenção.

— Ao trabalho, pelo menos assim me desfoco de tudo e não enlouqueço.

*****

O plano funciona e às dez da noite eu estou em casa, deitado em minha cama, acompanhando as noticias de um telejornal local. Meu celular toca e ao ver o rosto sorridente de Maggie na tela, um ultimo fio de esperança de que o artigo não tenha sido aprovado, brota dentro de mim.

— Está sentado? — ela diz antes mesmo que eu diga “Alô”.

— Na verdade, estou deitado. — dou uma pequena risada nervosa.

— Melhor ainda.

— O que aconteceu, Maggie? — minha voz sai tremula.

— Eles não só aprovaram, como amaram a iniciativa. — pelo amor de Deus. É o meu fim.

— Você está brincando. Aposto que negaram e você não quer me contar.

— Anthony, o texto e a imagem vão ser a capa do jornal daqui a... exatas cinco horas. — fico mudo.

— Co...como assim, capa? Era pra ser um pequeno texto escondido lá

dentro. — o pânico me domina.

— Eu disse isso ao editor chefe, mas ele disse que se ficasse escondido, a probabilidade de encontrarmos a moça seria muito menor. Por isso, ele e os outros, decidiram que vão colocar na capa.

— Eu estou perdido. — fecho os olhos em desespero.

— Ainda tem mais...

— Mais, mais o que? — sento-me de um rompante.

— Se ela não gostar e quiser processar o jornal por uso não autorizado da imagem dela, fica tudo por conta do jornal, nós não precisamos nos preocupar. Eles me disseram, que tem certeza que essa reportagem fará com que o jornal volte a cair nas graças do público mais jovem e, não apenas do pessoal esquisito e sedento pelos banhos de sangue diários.

— Maggie, eu espero que eles tenham razão. Muito obrigado por tudo. Só posso dizer que agora, seja o que Deus quiser.

— Anthony, nós sabemos o que há em seu coração nesse momento. Vai dar certo, confie em mim. Amanhã mesmo saberemos quem é nossa ilustre desconhecida. Durma bem.

Me despeço dela e nem preciso dizer que mais uma vez passo a noite em brancas nuvens, contando cada minuto do relógio, na esperança de vê-la novamente na estação. Gostaria tanto que ela aparecesse antes de se ver na capa do jornal. Eu poderia simplesmente me aproximar e conversar, não intimá-la para um encontro.

O dia D.

Minhas passadas são mais que frenéticas. Desço as escadas da estação na velocidade da luz. Tudo bem, há um grande exagero, era apenas uma metáfora. Algo que faça com que minha mente não seja esse emaranhado louco de pensamentos disformes.

A estação não fugiu, o metrô também não. O banco, meu companheiro dos últimos dias, idem. Apenas eu não sou o mesmo. Minha vontade de fugir e me enfiar debaixo dos cobertores, exatamente como fazia quando traquinava na infância, é enorme. Mas imaginem a cena: um cara com mais de um metro e oitenta de altura e quase trinta anos, fugindo de uma situação como essa. Seria algo cômico, se não fosse trágico.

Sento e espero pacientemente. Nada, nenhum sinal de fumaça.

Algumas pessoas me olham. Algo nisso me incomoda e eu me levanto e me coloco a andar.

Vejo que uma das passageiras tem o jornal em mãos. Olha-me aturdida.

— Você é o cara que colocou a foto da moça no jornal? — ela pergunta sustentando um sorriso enorme.

— Sim, você a conhece? — não custa perguntar.

— Infelizmente, ou felizmente não. Mas me lembro de vê-la sentada nesse banco. — ela se aproxima mais e eu simplesmente recuo dois passos. — Se não a encontrar, vou adorar conhecê-lo melhor. O que acha? Tenho chances?

A mulher é louca, ou o quê? Tudo bem, eu não esperava que algo do tipo pudesse acontecer, mas agora que aconteceu estou em pânico.

Dou um risinho amarelo e vejo meu metrô se aproximar, corro em direção a ele, bem no momento que outras duas tentam me abordar com o jornal na mão.

— É claro que é ele! — uma delas diz.

— EI, VOLTE AQUI, GOSTOSÃO! — escuto uma outra gritar.

As portas se fecham e eu me sinto seguro novamente.

Desço na estação de costume e sigo rapidamente para o jornal. Para minha total surpresa, a porta de entrada está cheia de mulheres. A maioria tem o jornal nas mãos e gritam em uníssono.

— QUEREMOS ANTHONY, QUEREMOS ANTHONY!

Meu Deus! O que vou fazer da vida agora? Acabei de fazer da minha própria vida um inferno.

— Ei bonitão, por aqui! — viro assustado e dou de cara com Mark e seu sorriso zombeteiro.

— Não ria, palhaço. Isso não tem a menor graça. — minha carranca agora é de poucos amigos.

— Desculpe, vamos entrar pela porta dos fundos. — ele me puxa e eu sigo com ele pelo beco lateral do prédio.

Ao entrar na redação todos me olham ao mesmo tempo.

— Os telefones não param, eu mesma já anotei mais de cinquenta números de telefone de mulheres dizendo ser a desconhecida. — Maggie diz em um claro tom de desgosto.

— Podem parar. Vamos ignorar a todas. É melhor. — solto o ar que nem sabia que havia prendido em meus pulmões.

— Nada disso, pelo contrário, criei um email e digo a elas para mandarem fotos pessoais para lá. Vamos ver quantas vão mandar. Seremos incansáveis Anthony, sua musa vai aparecer, tenho certeza.

Saio da redação e sigo com Mark para a sala de revelações. Preciso colocar minha mente em outro lugar, não posso ficar pensando nisso o tempo todo.

*****

Passa do meio dia. Pedimos almoço no próprio jornal.

O telefone de Mark toca, ele atende de imediato.

— Diga Ben, alguma ocorrência? — ele pergunta e eu volto meu olhar para a comida sem graça à minha frente.

— Nós vamos, agora mesmo. Não saia daí.

Ele levanta-se rapidamente e me olha um pouco assustado.

— Precisamos ir. Ben precisa de nós. — ele diz e eu simplesmente o acompanho.

Entramos no carro do jornal e ao passar em frente à entrada principal, vejo que algumas mulheres ainda se aglomeram na esperança de me ver.

O caminho não é longo, mas eu não esperava parar na porta do hospital *St. Mary's*.

— Por que estamos aqui, Mark?. Não deveríamos encontrar o Ben em uma cena de crime? — tento entender.

— Não hoje, *brother.* O que vamos fazer é exatamente aqui.

Continuo alheio. Coloco minha câmera em punho, como tenho feito todas as vezes que somos chamados.

Ben está na porta à nossa espera. Nos cumprimentamos e ele pede que nós o acompanhemos. Recebemos crachás de visitantes e subimos pelo elevador até o quarto andar. Caminhamos mais alguns metros, até que uma senhora da baixa estatura e visível sobrepeso se aproxima. Enfermeira Nanci, está escrito em seu crachá.

— Boa tarde, meninos! Meu nome é Nanci e eu acho que sabem por que estão aqui, não é mesmo? — ela esboça um meio sorriso.

— Me desculpem, mas eu deveria saber? — pergunto encarando meus amigos.

Nanci pega em minha mão e me arrasta pelo corredor frio. Paramos em frente à uma janela de vidro, que da total visão à paciente em seu interior. Meu coração para.

— Aí está sua bela desconhecida, meu jovem. — sua voz é suave. — Não temos ideia de como ela se chama, ou onde vive. Há quatro dias ela deu

entrada aqui, depois de reagir a um assalto e levar um tiro na cabeça. A bala, por incrível que pareça, ficou presa em seu crânio, não causando nenhum tipo de dano cerebral. Os médicos a operaram e removeram o projétil, mas ela ainda não acordou. Não temos a menor ideia de como ela estará ao despertar.

Sabe aqueles momentos de sua vida, quando seu mundo parece que para de girar? Tenho certeza de que estou em um deles. Ela está ali, mais perto de mim do que jamais esteve e, ao mesmo tempo, mais longe do que eu jamais poderia imaginar.

Sinto o abraço de Mark ao meu lado e ao mesmo tempo encaro Ben, que me olha pesaroso.

— Estamos investigando Anthony. O caso não era meu, mas um amigo, responsável pela investigação, me ligou assim que viu a foto dela no jornal. Recebemos algumas informações relevantes e todas serão analisadas calmamente. Vamos descobrir quem é ela. A família deve estar desesperada à sua procura. — ele me explica.

A enfermeira me dá uma roupa especial para vestir e permite que eu entre no pequeno quarto. Ela dorme tranquilamente e eu apenas me aproximo da cama.

Lembro-me de seu sorriso cheio de vida e de suas emoções pela leitura dos livros. É impossível suportar a enxurrada de lágrimas que se desprende de meus olhos.

Minha doce desconhecida é, agora, uma pessoa perdida em um mundo onde simplesmente não dá para entrar.

Após ficar algumas horas no lugar, voltamos para o jornal e Maggie prepara uma nota para a imprensa, comunicando o ocorrido. O jornal libera uma edição especial e agora a busca é outra. Precisamos encontrar sua família e amigos, comunicar a todos seu paradeiro.

Um jornal de TV local se prontifica a noticiar tudo e em menos de meia hora a matéria completa está em um plantão.

*****

Mark me leva em casa ao fim do expediente. Entro, tomo um banho e

encaro minha própria imagem no espelho.

Como posso dormir, sabendo o que eu sei, sentindo o que eu sinto e precisando tanto de sua presença? Essa é a resposta... eu não posso.

Visto uma roupa confortável, calço meus tênis e pego as chaves do carro. Sim, eu tenho um carro, apenas não o uso para ir a trabalho, não é vantajoso encarar o trânsito, ganho mais de duas horas por dia viajando de metrô.

Chego ao hospital e convenço a atendente a me deixar entrar. Sei exatamente para onde ir. Sigo pelo corredor e entro rapidamente no quarto. Ela permanece estática como antes. Sento em uma poltrona próxima e velo seu sono pacífico. Meu coração agora bate tranquilo, uma paz assustadora me domina. Não percebo, diante de tudo, em que momento o sono me toma.

A voz de um anjo

— Moço, quem é você? Onde eu estou? — ela pergunta em meu sonho. A voz suave assemelha-se a de um anjo. Deixa-me totalmente em paz.

Acordo em um sobressalto, o dia ainda não clareou. Ela me olha assustada e segue perguntando o que houve.

— Você está bem? — pergunto enquanto a encaro.

— Acho que sim. Minha cabeça dói um pouco. Estou em um hospital? — ela está visivelmente confusa.

— Sim, me desculpe. Meu nome é Anthony Parker, é complicado explicar como vim parar aqui, mas se me der uma oportunidade posso te explicar.

— Meu nome é Louise Adams e a ultima coisa que me lembro foi de sair da estação de metrô e alguém puxar minha bolsa. — ela diz em um tom suave.

— Pelo que soube você foi assaltada e reagiu. Eles levaram sua bolsa e seus documentos, aqui ninguém sabe como você se chama. Eles atiraram em você Louise, mas por sorte o ferimento não foi profundo. Porque reagiu ao assalto? — sinto minha voz angustiada.

— Meu livro. Lembro-me de pensar apenas em meu livro, "Alice no país das maravilhas" que estava na bolsa. Meu pai me deu de presente quando eu tinha três anos. Lia para mim todas as noites antes de dormir. — ela termina de falar e vejo uma lágrima brotar de seus olhos.

Não consigo me conter. Aproximo-me da cama e suavemente acaricio seu rosto, limpando a lágrima. Sua pele é alva e sedosa, um verdadeiro convite ao deleite.

— Onde você mora, Louise? Pode me dar o telefone de alguém. Se quiser eu ligo para você.

Antes que ela responda, escuto uma movimentação no corredor e a porta rapidamente se abre. Uma moça, muito parecida com Louise entra no quarto e me olha assustada.

— Você? Oh meu Deus. Obrigada! — ela corre em minha direção e antes mesmo de aproximar-se de Louise me abraça. — Obrigada por encontrar minha irmã. Já estava entrando em desespero.

Não consigo responder nada, ela solta-se de mim e pega as mãos de Louise as beijando desesperadamente.

— Nunca mais faça isso comigo, como vou viver sem você? Você sabe que é tudo que eu tenho nessa vida, Lou.

Elas se abraçam. A emoção toma a todos. Nem havia notado a presença de Nanci no quarto.

— Me desculpe vir assim. Não consegui ficar longe. — digo olhando para a enfermeira risonha.

— Tudo bem, menino! Parece que foi bom você estar aqui.

Nanci me acompanha e nós deixamos as duas irmãs sozinhas. Saio pelo corredor na companhia de Nanci e ao chegar à porta do elevador encaro a enfermeira.

— Eu não expliquei a ela quem eu sou, não tive tempo e nem sei se ela está preparada para entender. Por favor, Nanci. Se ela ainda quiser me ver amanhã você me avisa? Eu gostaria muito de voltar e conversar com ela.

— Meu querido, tenho certeza que ela vai querer vê-lo. Você a aproximou da única parente que ela tem. A irmã me disse que não tem mais os pais e que vieram da Escócia a pouco tempo, por isso a polícia não encontrava suas digitais nos registros de dados. Fique tranquilo, me dê seu telefone, eu ligo assim que possível.

Trocamos telefone e eu vou embora. Não preciso me despedir dela. Vê-la ali, nos braços da irmã, me dá a paz de que eu tanto preciso.

Preciso de você

Chego em casa no horário de sair para o trabalho, mas hoje resolvo me dar o dia de folga. Meu coração está tranquilo, prefiro não falar com ninguém. Quero a paz e a calmaria do meu apartamento.

Atualizo Maggie e Mark das novidades e depois de um bom café da manhã caio na cama me entregando ao sono dos justos.

*****

Passa das quatro da tarde quando meu celular toca. Tateio pela cama até que o encontro.

— Alô. — digo sem ao menos ver de onde vem a ligação.

— Anthony? Aqui quem fala é Louise. — meu coração dispara.

— Louise? Aconteceu alguma coisa? Você está bem? Como sabe meu número? — pareço um adolescente idiota enchendo-a de perguntas.

Ela solta uma risadinha suave e eu percebo como estou sendo imaturo.

— Eu estou bem Anthony, Nanci deixou seu número e junto com minha irmã me contaram uma história, digamos... mirabolante. — ela sorri novamente.

— Meu Deus, que vergonha. Você deve pensar que eu sou louco. — volto a deitar e me pego sorrindo encarando o teto do meu quarto.

— Eu diria ousado. Jamais imaginei que alguém poderia me observar dessa forma. Confesso que à principio fiquei com um pouco de receio, mas segundo minha irmã, graças a você, estamos juntas novamente.

— Imagine, querida. Eu estou muito feliz em ter ajudado. Você se tornou alguém especial para mim, mesmo sem nos conhecermos. — revelo com sinceridade.

— O horário de visitas começa em uma hora, se você quiser vir até aqui, eu gostaria de vê-lo novamente. — ela solta de uma vez e eu sinto meu

coração acelerar.

— Estarei aí. Pode me esperar.

— Ah, Anthony? — ela chama com a voz suave.

— Sim?

— Eu amei a foto. Me senti alguém importante nela. — suas palavras me atingem.

— Você é importante, Louise. Mais do que imagina.

Desligo o telefone, tomo um banho rápido e sigo para o hospital.

Na entrada sou surpreendido por repórteres e fotógrafos.

— E então Anthony, você e Louise estão juntos? — um deles pergunta.

— Vão se casar? — um outro questiona.

— Como ela reagiu ao saber que você é apaixonado por ela? — sou surpreendido por uma à minha direita.

— Você não acha que deveriam conceder uma entrevista à TV? Mulheres do mundo inteiro estão suspirando nesse momento querendo saber mais sobre essa historia de amor. — diz a que estava à minha esquerda.

— PAREM! — me vejo gritando. — Nós ainda nem nos falamos direito. Eu não sei o que vai acontecer. Eu só quero conhecê-la melhor, ficar perto dela. Por favor me permitam entrar no hospital para vê-la. — solto o ar pesadamente.

Eles se afastam e me dão passagem em silêncio. Apresento-me à atendente e após receber o crachá de visitante, sigo em direção ao quarto que já conheço, que para minha surpresa está vazio. Meu coração dispara. Não, meu Deus. Eu não posso perdê-la. Saio correndo pelo corredor e dou de cara com uma enfermeira.

— Por favor, onde está Louise Adams? — ela se assusta.

— Quarto quatrocentos e dois senhor. Ela foi transferida. Saiu do quarto de observação. Siga por esse corredor, — ela aponta — fica lá no final.

— Obrigado. — digo aliviado e sigo na direção que ela me indicou.

Bato suavemente na porta e ouço sua voz suave.

— Pode entrar, Anthony. — abro a porta e ela está sorrindo.

— Como sabia que era eu? — pergunto com um riso nervoso.

— Minha irmã acabou de sair e não conheço tanta gente aqui. Só poderia ser você. — seu sorriso é enorme.

Ela está muito diferente agora. A pele está mais corada, os lábios rosados e os cabelos ainda estão úmidos do recente banho. Seu sorriso é exatamente como eu me lembrava. Aproximo-me da cama e tomo uma de suas mãos. Levo aos lábios e selo um beijo educado.

— É um prazer enorme revê-la. Fico muito feliz de vê-la bem.

— Obrigada, senhor sedutor. — ela diz me deixando desconcertado.

— Não sou um sedutor. Sou apenas um cara observador.

— Já pude perceber. — ela diz com sarcasmo.

Sento-me na cadeira colocada ao lado da cama e só então percebo que não soltei sua mão. Ameaço fazê-lo mas ela segura firme.

— Não solte. Suas mãos estão quentinhas. — meu sorriso se escancara.

Nossa conversa flui tranquilamente pela próxima hora, que parece não ter durado mais que quinze minutos de tão rápido que passou. Trocamos os números de celular e ela me comunicou que em no máximo dois dias poderá ir para casa. Combinamos de voltar a nos ver assim que isso acontecer, afinal tenho uma centena de fotos para lhe mostrar. Até lá, decidimos continuar nos falando por mensagens.

Assim que a enfermeira anuncia que devo sair, eu levanto-me para ir embora. Em um gesto impensado abaixo-me em sua direção, na intenção de beijar sua testa, mas sou surpreendido quando ela segura o meu rosto com as duas mãos e me puxa, selando suavemente nossos lábios. Acabei de descobrir o paraíso na terra e eles são os lábios de Louise Adams.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHEROM

O amor é o nosso lar.

Há seis meses minha vida encontrou o sentido. Acordar e contemplar o seu sorriso doce é como se eu renascesse a cada dia.

Sim, começamos a namorar assim que Louise saiu do hospital. Não fazia sentido vivermos longe um do outro, já que três meses depois de nos conhecermos, sua irmã estava de mudança para a universidade. Meu apartamento é próprio, o dela era alugado. Decidimos morar juntos, o que fez de mim novamente o homem mais feliz do mundo.

Criamos uma rotina saborosa, que inclui sexo matinal, afinal descobrimos que ambos somos insaciáveis um do outro. Caminhamos juntos para a estação de metrô que nos uniu. Ela segue para o trabalho como professora em uma escola infantil. Sim, daí a paixão dela pelos livros clássicos. Louise tem vinte e cinco anos, é formada em Literatura e ensina o amor às letras a crianças de até dez anos.

Minha musa agora posa diariamente para as lentes de seu fotografo particular. A princípio ela ficava tímida, agora já se habituou aos meus cliques constantes.

Ela me acompanha em todos os momentos e às vezes temos a impressão de que quanto mais o tempo passa, mais nos apaixonamos um pelo outro.

Essa noite vou tomar a decisão mais importante da minha vida. Convidei nossos amigos, e pedi a ela que usasse um vestido vermelho que a deixa ainda mais bela.

— Anthony, você sabe que eu fico louca com surpresas. Onde vamos jantar? — ela pergunta enquanto calça as sandálias de saltos finos.

— Em um lugar especial, meu amor. Deixe de ser curiosa. — finjo ficar bravo com sua impaciência.

Ela calça os saltos e sai do quarto rebolante. Eu a alcanço, a abraço por trás e cravo meus dentes com suavidade em seu ombro nu.

— Ai! Você me machucou. — ela diz com a voz dengosa que me enlouquece.

— E você está me deixando com tesão. Se continuar rebolando essa bunda pra mim, não sairemos dessa casa.

— Acho a proposta maravilhosa. — ela diz enquanto vira-se de frente para mim e sela um beijo forte em meus lábios.

— Eu acho que criei um monstro. Deixe de ser safada, mulher! — dou um tapa firme em seu bumbum arredondado. Ela sorri mordendo o lábio e segue em direção à porta.

Pego nossos casacos e saímos.

— Não acredito que coloquei essas sandálias e nós vamos de metrô, Anthony! — ela reclama quando digo que não vamos de carro.

— É mais rápido meu amor, acredite.

Ela agora tem um bico gigante, que demora quase todo o trajeto para que eu consiga desfazer. Descemos as escadas da estação e logo ali ela toma um susto.

— Ma...mas, o que é isso? — ela fica aturdida.

Todos os nossos amigos e sua irmã estão à nossa espera. Cada um carrega balões vermelhos em forma de coração e juntos cantam a canção de *Ed Sheeram – Thinking Out Loud.*

When your legs don't work like they used to before (Quando suas pernas não funcionarem como antes) ***And I can't sweep you off of your feet*** (E eu não puder mais te carregar no colo) ***Will your mouth still remember the taste of my Love*** (A sua boca ainda se lembrará do gosto de meu amor) ***Will your eyes still smile from your cheeks*** (Os seus olhos ainda sorrirão em suas bochechas)

Darlin' I will be lovin' you (Querida, eu te amarei)

Till we're seventy (Até que tenhamos 70 anos)

Baby my heart could still fall as hard (Amor, meu coração ainda se apaixonará tão fácil) ***At twenty three*** (Quanto quando tínhamos 23)

I'm thinkin' bout how (Estou pensando em como)

People fall in love in mysterious ways (As pessoas se apaixonam de maneiras misteriosas) ***Maybe just the touch of a hand*** (Talvez apenas o toque de uma mão)

Me, I fall in love with you every single Day (Eu, me apaixono por você a cada dia) ***I just wanna tell you I am*** (Eu só quero te dizer que eu estou)

So honey now (Então, querida, agora)

Take me into your lovin' arms (Me abrace com seus braços de amor)

Kiss me under the light of a thousand stars (Beije-me sob a luz de mil estrelas) ***Place your head on my beating heart*** (Apoie sua cabeça sobre meu coração palpitante) ***I'm thinking out loud*** (Estou pensando alto)

Maybe we found love right where we are (Talvez tenhamos achado o amor bem aqui, onde estamos) Sim, estamos bem no meio da *Bank Station* e, eu agora estou de joelhos diante dela. Segurando a caixinha em veludo vermelho, que carrega todo meu amor em forma de um lindo anel de noivado. Demorei dias para encontrá-lo, mas quando o vi, tive a certeza de que seria perfeito.

— Foi aqui, Louise Adams. Nesse exato lugar que o amor nos encontrou. Em meio aos trilhos dessa estação de metrô, eu encontrei a mulher da minha vida. Permita-me fazer parte da sua vida para sempre? Aceita casar comigo?

As lágrimas no rosto de minha menina de olhos oliva, cabelos negros e pele alva, eram de felicidade. Ela tirou o anel da caixinha e me deu, esticando a mãozinha delicada em minha direção.

— Sim, Anthony Parker. Eu aceito ser sua esposa, para o resto de nossas vidas.

Rapidamente coloquei o anel em seu dedo e levantei-me já abraçando-a pela cintura e girando. Nossos amigos e os desconhecidos na estação aplaudiram nosso momento.

Desde então eu sou um homem realizado. E quando me perguntam onde encontrar o amor, minha resposta é uma só. “O das outras pessoas eu não sei, mas eu, encontrei meu ***AMOR NOS TRILHOS***.

Fim

Fiquem à vontade para me acompanhar em minhas redes sociais.

Facebook: @anaritacunhalivros

Instagram: @anaritacunha.autora

Email: cunha.ana2006@hotmail.com

Conheça minhas outras obras Disponíveis na Amazon

- Paixão Imprevisível
- Paixão Impossível
- Uma madrugada de Verão
- Verão Intenso